A primeira luta armada contra o golpe militar de 64

Franklin Oliveira \*

Resumo

A presença de exilados no Uruguai tem sido vista apenas como um processo de reorganização da esquerda brasileira. Este artigo recupera outras dimensões. Trata de processos concretos e imediatos em resposta ao golpe de 64. Um desses, que se tratou da primeira luta armada impulsionada pelos exilados, foi o movimento que logrou tomar a cidade de Três Passos no Rio Grande do Sul em 1965. Discute-se aqui seu contexto, as intenções que o propiciaram, seu processo de preparação e seus efeitos.

Palavras – chave: Brasil. Exilados. Uruguai. Golpe. Luta armada.

The first armed struggle against the military coup of 64

Abstract

The presence of exiles in Uruguay has been seen only as a process of reorganization of the Brazilian left. This article recovers other dimensions. It deals with concrete and immediate processes in response to the coup of 64. One of these, which was the first armed struggle driven by exiles, was the movement that succeeded in taking the city of Três Passos in Rio Grande do Sul in 1965. It is discussed here its context, the intentions that provided it, its preparation process and its effects.

Keywords: Brazil. Exiles. Uruguay. Blow. Armed struggle.

O Movimento de Três Passos

O fim de 1964 vê intensificar - se o intercâmbio de Leonel Brizola com Havana. Há iniciativas de Lacerda ainda iludido com eleições presidenciais. Em novembro é aclamado como candidato a presidente pela União Democrática Nacional - UDN e, logo após, escreve carta ao General Castelo Branco criticando os rumos da política econômica. Neste período a USAID empresta 650 milhões de dólares ao Brasil e o embaixador norte-americano anuncia que de abril a outubro deste ano os EUA emprestaram 222 milhões de dólares ao governo militar.

Desde então o regime está na ofensiva. Em dezembro intervém em Goiás, colocando o Coronel Meira Mattos no lugar do governador Mauro Borges. O ano começa com um estatuto da terra, a prisão de 40 militantes do PORT, e com nova intervenção, desta feita no Amazonas. Sai a portaria 40 do MTPS “regulando” as eleições sindicais (1). Chegam ao publico as gestões para a entrada de capital estrangeiro no setor de telecomunicações brasileiro através de entendimentos entre a TV Globo e o grupo Time - Life.

Mas o ano também começa bem para o movimento popular. É reconquistada a União Estadual dos Estudantes de São Paulo – UEE - SP, e, com base nela e em outras entidades retomadas dos interventores, a esquerda consegue vitoria decisiva no Conselho Nacional da UNE marcando para julho, em São Paulo, o 27° Congresso da UNE.

Os meses posteriores veriam a retomada dos movimentos populares. A temporada é aberta em fevereiro com dois mil portuários em campanha salarial. A volta ás aulas inaugura outros movimentos estudantís. Os secundaristas despertam no Paraná (2). No dia 9 de março os universitários pregam uma sonora vaia no General Castelo Branco durante a aula inaugural da Escola Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, situada na Ilha do Fundão — RJ.

Neste mês, o Comitê Estadual do PCB do Rio Grande do Sul aprova resolução colocando em primeiro plano a luta armada. No dia 22 Faria Lima, apoiado por Jânio Quadros, elege-se prefeito de São Paulo. Quatro dias depois o Coronel Jefferson Cardim, à frente de um grupo de 23 homens, ocupa a cidade de Três Passos (3) no Rio Grande do Sul.

Ao elaborar este artigo tive dúvidas de como chamá-lo. A literatura achou nomes ruins. Uns o apelidam de “Movimento Jefferson Cardim”, outros preferem a “Guerrilha de Três Passos” entre outros menos votados. A colocação do nome da sua principal liderança intitulando o movimento tem sido prática da história oficial. Quanto a segunda denominação me parece equivocada. O movimento não teve o caráter de guerrilha e sim de uma coluna militar que percorreu certa distância e executou certas ações militares.

Mas, independente de como for chamado, o movimento é um dos episódios de resistência menos conhecido da esquerda brasileira, especialmente por ter sido frustrado e envolver destacados nomes da esquerda e progressistas no processo de preparação. Essas condições influíram para que o movimento fosse pouco conhecido, e que ainda menos pessoas conhecessem as estratégias que o orientaram e os atores que se envolveram em seu desenvolvimento.

Alberi Vieira dos Santos, era ex-sargento da Brigada Militar gaúcha quando participou do movimento. Segundo ele “todos os recém-chegados - e não parava de aumentar o afluxo — eram de imediato (levados) a se definir, sem rodeios ou tergiversações, por um dos dois campos antagônicos”. Brizola predominava, a rejeição dessa forma de luta era um exílio no exílio. “O próprio Jango aderiu. Ele e Brizola selaram pazes numa assembléia pública com grande número de exilados”. Na ocasião, os contrários ficaram reduzidos ao PCB.

Albery observa que “o movimento foi desencadeado e engrenado num plano geral. Não era só o Brizola. Foi discutido e aceito por todos os elementos que iam lá”(4). Observa que havia dúvida de Brizola sobre como conduzir o movimento na medida em que ele não poderia ser o chefe político e se iriam entrar outras lideranças

a linha política seria de acordo com o desdobramento e a linha que assumisse o poder. Ele (Brizola) era flexível nessa parte. Costumava dizer que íamos fazer a revolução por etapas e que a linha política viria em função da maneira como fosse tomado o poder. Se fosse tomado por uma revolução convencional, uma quartelada, a quebra da estrutura que vem através de reformas normais. Se fosse através de uma luta prolongada de guerrilhas, os quadros se forjariam na luta (5).

Jefferson Cardim, no entanto, põe duvidas nas intenções brizolistas. O objetivo e as intenções políticas de Brizola seriam uma “intenção delicada”. O militar teria sentido que “durante todo o tempo que estive com ele que, com relação a quartelada, o que estava em vista era afastar o Jango, quando o movimento estivesse vitorioso”(6).

O movimento teria sido protelado varias vezes, pois exigia grandes recursos. A situação só foi contornada com o envio de representantes a alguns países, particularmente Cuba, que o apoiou (7). A discussão da operação porém demorava e Albery e o sargento Firmo Chaves ameaçaram “largar tudo”. Afirma Albery que: “Estávamos perdendo terreno a cada dia, as pessoas passavam a desacreditar em qualquer plano e a repressão se estruturava. Colocamos isso numa reunião, dissemos ao Brizola que ele estava se desgastando” (8).

Betinho confirma as discussões demoradas, o financiamento, mas avalia os problemas do movimento:

o Jefferson Cardim foi por conta dele mesmo, porque o Jefferson era um cara completamente tresloucado, que depois de ter participado de várias tentativas, com várias delas desmarcadas para a insurreição, resolve fazer por conta dele (...) ele entra de caminhão com um monte de gente e é preso no meio do caminho (9).

Péricles Souza dá um depoimento importante observando a participação da AP no episódio. Comenta a vinda de Aldo Arantes ao Brasil para reuniões de discussão do assunto, “para tentar uma articulação nacional de AP que jogaria um papel importante no processo”. A idéia era ocupar o RS e sua transformação em “cabeça de ponte”, uma espécie de governo alternativo, como referência para a luta no resto do país.

A AP participava da discussão do assunto no Uruguai. Para o êxito da operação era preciso a reorganização nacional da organização, a realização de operações militares, visando segurar os exércitos, de outro modo “o RS vai sair massacrado”. Conta que o emissário estava convencido da proposta e “veio cheio de entusiasmo”. A tarefa, no entanto, pifou, “entre outras coisas, porque a AP não tinha condições de fazer isso. Não estava organizada e nem convencida politicamente, disso (...). Eles estavam sonhando. Olhando com os olhos de hoje, era uma viagem”(10).

Péricles desmistifica a versão de “atitude isolada” pois inclusive já havia até uma constituição preparada. Lembra da participação de Waldir Pires e outros mas concorda com a avaliação operacional de Betinho: “Quando todo mundo tirou o corpo o Jefferson fez”. Para ele o objetivo original da operação era aproveitar a insegurança da ponte no Paraná e explodi-la com os presidentes Castelo Branco e Strossner em cima. Confirma, também, a reunião do Comitê da AP em Santos que discutiu o assunto.

Mas a Guerrilha de Três Passos teve a iniciativa política e militar determinante de Jefferson Cardim e Almery. Os integrantes do movimento teriam adquirido em uma loja de Montevideu algumas armas semi-automáticas, milhares de balas e outros materiais e juntaram a elas outras cedidas ou de propriedade dos envolvidos. Muitos sargentos brasileiros que viviam nos hotéis de Montevidéu foram contatados para o movimento, mas na sua esmagadora maioria recusaram participar, dizendo que não haviam recebido “ordens de Brizola”.

Foram então recrutadas outras pessoas, principalmente no Rio Grande do Sul. A expectativa era ter 60 homens na tomada de Três Passos, mas, segundo Albery, “na hora tínhamos 23 e a maioria lá da região”. Foi um único caminhão, em situação precária e cedido por um chefe do PTB de um povoado, que teria possibilitado o deslocamento.

O movimento se iniciou em 26 de março de 1965 a partir da cidade uruguaia de Rivera de onde se atravessou a fronteira para Santana do Livramento. As adesões que se somaram no caminho deixaram a coluna com 23 homens.

Mas porque a escolha de Três Passos já que ela fica há algumas horas de Santana do Livramento e faria com que percorressem parte do Rio Grande do Sul tornando mais arriscada a missão? Acreditamos entender o objetivo não confessado na operação, que era atingir Foz do Iguaçu onde o presidente Castelo Branco para inaugurar no dia 27 de março a Ponte da Amizade com o presidente do Paraguai, o ditador Alfredo Stroessner.

Seja como for, os revoltosos, por volta de meia noite, tomaram a cidade gaúcha de Três Passos onde invadiram o posto policial e confiscaram armas e munições (11). Posteriormente, tomaram o quartel da Brigada Militar, o presídio, a agência do Banco do Brasil e a Rádio Difusora, da qual transmitiram um manifesto em nome das Forças Armadas de Libertação Nacional – FALN. De resistência mesmo apenas a do gerente do Banco do Brasil que se recusou a abrir o cofre.

Desta rádio passaram a transmitir as notícias da tomada de Três Passos e a convocar a população para defender a Constituição. O manifesto era um documento nacionalista, falava de reformas e conclamava o povo à luta armada. Denunciava que o Brasil estava transformado em um quartel.

No outro dia continuaram a marcha atravessando a fronteira de Santa Catarina, agora com um caminhão Mercedes Benz novo (12). As rádios de Porto Alegre já noticiavam a leitura do manifesto e especulavam sobre o número dos rebeldes. Segundo Cardim: “noticiavam com êxtase”. Falavam em 200 a 400 homens apresentando versões diferentes. Observa que “nós planejamos duas ações: um movimento convencional, uma quartelada, e, caso falhasse, uma revolução de guerrilha”.

O coronel afirma que o destino do movimento seria o Mato Grosso. Atravessaram Santa Catarina e chegaram ao Paraná com esta intenção. No entanto, o Exército, sabendo que o presidente Castelo Branco estava em Foz do Iguaçu (Paraná) para inaugurar a Ponte da Amizade enviou um grande contingente de homens para a região atalhando-os em Leônidas Marques.

Foi o primeiro enfrentamento do grupo e as forças eram desproporcionais. Foram praticamente cercados por veículos e soldados numa vila. O confronto ocasionou mortos e feridos, a prisão de Jefferson Cardim e a dispersão do grupo. Durante a troca de tiros morreu o terceiro-sargento Carlos Argemiro Beltão, da Companhia de Francisco Beltrão. O depoimento dos integrantes do movimento , no entanto, afirma que as balas que mataram o sargento provinha de equipamentos que não possuíam.

A guerrilha foi frustrada e os seus participantes foram submetidos a várias sessões de tortura, sob a justificativa da morte do sargento, comandadas pelo capitão Dorival Sumiani e mais dois tenentes. Jefferson narra esses tórridos momentos:

Reuniram mais de 450 homens, do 13º Regimento de Infantaria.e da Polícia Militar e alguns bajuladores civis e mandaram cuspir em mim. Todos. Eu deitado de costas, amarrado. Já tinha levado muito coice e tinha pelo menos um osso da clavícula e uma costela quebrados. Depois fui deitado em cima de um pneu, coberto por um estepe, e eles batiam com um cassetete e madeira (...) eu estive doze dias sendo interrogado e torturado (13).

Os acontecimentos com Jefferson se deram em Medianeira, no destacamento onde servia o sargento morto:

Fui retirado do jipe por ordem do capitão Dorival Sumiani. Fui jogado no chão, e começaram a me dar pontapés, fazendo-me rolar uns cinqüenta metros até o jardim, onde estavam os soldados. No chão, com o rosto ensangüentado, o capitão deu ordens para que me cuspissem no rosto: - Escarrem na cara deste filho da puta, comunista, assassino.

O próprio capitão participou das torturas:

Depois, o capitão colocou o coturno sobre a minha cara e mandou que eu beijasse a terra, bradando: - Beije a terra que traíste comunista assassino. - Ainda pegou um garfo de campanha e ficou me espetando, desde os pés até o pescoço. Todo esfolado me fizeram rolar de novo até a viatura e continuamos viagem. No caminho, o Major Hugo Coelho, assessor do General Justino Alves Bastos, então comandante do II Exército, disse que ia ser fuzilado e promoveram uma simulação de fuzilamento (14).

Mas mesmo derrotado Jefferson não desistiu do plano. Três anos depois contou com ajuda para fugir do 5o Regimento de Obuses, em Curitiba, de onde saiu para exilar-se em um país após outro. Nesses locais esteve sempre atrás de companheiros e recursos para uma nova tentativa, agora pelo Norte do Brasil (15).

Após essa operação frustrada, e a partir do segundo semestre de 1965, começou a ganhar terreno entre os exilados no Uruguai a guerrilha rural, embora Jango não aderisse a esta perspectiva. O ex-presidente e seus aliados trabalhavam agora uma frente ampla. Brizola continuou durante certo tempo sendo o polarizador das forças que viam numa inssurreição camponesa o caminho a seguir.

Brizola ainda precisaria de nova derrota, agora da Guerrilha de Caparaó, e da morte de Che Guevara para o abandono da teoria “foquista”. Iria para os EUA em função das pressões da ditadura brasileira sobre o governo uruguaio e pelas alterações na política interna deste país. Paulo Schilling observa que Caparaó fazia parte de uma estratégia que envolvia cinco frentes de luta guerrilheira no país, o que foi abortado a partir da sua queda (16).

Mas a idéia da guerrilha não morreria, para Albery, “empreendida pelos que antes haviam situado todas as suas esperanças na iniciativa das lideranças no Uruguai”.

Conclusão

Este artigo debruçou-se sobre episódios muito pouco conhecidos da nossa história, as ações da esquerda, a partir do Uruguai, em reação ao golpe de 64. Trata-se de uma história que pouco interessou ser divulgada. Aos integrantes do regime militar em função de não revelar reações ou seus crimes. E aos próprios segmentos e personalidades de esquerda, que o apoiaram, não interessou admitir um episódio onde foram derrotadas.

A primeira ação armada encetada a partir do Uruguai chegou a tomar a cidade de Três Passos no interior do Rio Grande do Sul, mesmo sofrendo de enorme voluntarismo e improvisação. Não ficam evidentes os propósitos dos revoltosos. Mas pode - se pensar que seu objetivo era chegar ao General Castelo Branco que estava naquele momento a pouco mais de duzentos quilômetros da cidade em linha reta inaugurando a Ponte da Amizade no dia 27. Mas a mesma oportunidade do alvo propiciou o alerta a grandes tropas do Exército.

Não fica claro ainda a natureza do apoio dado aos revoltosos. Dinheiro para recrutamento e manutenção? Homens? Sequer um transporte ecente foi providenciado. Em que se constituiu o apoio da AP? Betinho terá razão em dizer que a demora fez com que seu líder principal “fizesse sozinho” a operação?

Mas deixemos as razões “técnicas”. Este artigo intentou mostrar que houve resistência ao golpe de 64 desde o início, não havendo um dia sequer no qual não se conspirasse contra os militares. Mas se houve ações houve também sabotagens. ações armadas, não só a que aqui nos detivemos mas inclusive a mais conhecida, a Guerrilha da Serra de Caparaó.

Esperemos ter trazido conhecimento sobre as diversas estratégias da oposição, dentro do Brasil e no exílio. Ter identificado que aquelas ações, ao contrário de serem iniciativas isoladas, como é comum nas ações frustradas, seguiram sempre um plano geral e uma análise do contexto em que viviam aqueles atores.

Notas

\*. Franklin Oliveira é Pós-Doutor pela Universidade de Coimbra (2019), e Doutor pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Foi colaborador da Comissão Nacional da Verdade, um dos coordenadores do Fórum Social Mundial Temático (Salvador, 2010) e do Seminário Internacional dos 150 anos do Manifesto Comunista (Bahia, 1998). É investigador correspondente do Centro de História da Sociedade e da Cultura (Coimbra), integrante do Comitê Consultivo da Cátedra José Carlos Mariátegui (Peru) e do Conselho Editorial da Revista Crítica Marxista (Brasil).

1. Seriam feitas novas alterações nesses processos em 31.5 (portaria 264), em 27.8 (portaria 446),15.9 (portaria 490) e ainda outras posteriores.

2.Trata-se da greve no Colégio Bom Jesus, em Curitiba, que leva á expulsão de onze secundaristas, entre eles José Carlos Zanetti da JUC, e mais tarde da AP.

3. Na época a cidade tinha pouco mais de 5.000 habitantes. A imprensa estimou em cinco mil os homens mobilizados para combater os revoltosos, e foi criada a versão de “maluquice” da oposição, inclusive em partidários de Brizola e da própria AP. O processo judicial, no Exército, envolveu, entretanto, cerca de 300 pessoas nos três estados do Sul. Ver reportagem de Décio de Freitas no COOJORNAL, 1976. A manchete era “Guerrilha no Sul, 23 homens tentam levantar o país”.

4. Em matéria citada no COOJORNAL, 1976.

5. Idem.

6. Suas lideranças principais eram o cel. Jefferson Cardim e o ex-sargento Alberi Vieira dos Santos. O movimento havia sido proposto pelo primeiro a Jango, logo após o golpe, mas o plano teria diferenças em relação ao que acabou sendo aplicado. Consistia no seguinte, o grupo pioneiro tomaria uma cidade no RS e leria um manifesto conclamando a população á rebelião. Imediatamente explodiriam em várias partes do país focos de insurreição. Brizola, em determinado momento, voltaria e ocuparia rádios comandando a resistência. O objetivo seria a restauração de Jango na presidência. Discutia-se o prazo das eleições. Os dois acusam Brizola de recuar na última hora “deixando-os isolados”.

7. O envio do dinheiro cubano e a deflagração do movimento não guardam relação obrigatória. Independente das quantias recebidas pela liderança no Uruguai os integrantes da operação obtiveram precaríssimos recursos, inclusive obtendo alguma ajuda de Jango. Ver o depoimento de Jefferson e Alberi no jornal citado.

8. Em depoimento citado.

9. Em No fio da navalha, p.62.

10. Péricles de Souza em depoimento ao autor deste livro.

11. O sargento-chefe havia servido junto com Alberi, resultando em confraternização.

12. Já possuíam 60 fuzis, uma metralhadora checa de tripé pequeno, uns trinta revolveres e forte munição e com os homens já fardados. Pensaram inclusive em recrutar mais gente.

13. Depoimento de Alberi Vieira dos Santos ao número citado do Coojornal.

14. Depoimento de Jefferson Cardim ao número citado do Coojornal. O referido conta ainda outras pressões físicas e psicológicas sofridas na ocasião. Refere-se á “coincidência” da operação catarro nos dois casos aparentemente isolados entre si.

15..Jefferson Cardim acabou sendo novamente preso em 1970 na Argentina então governada por militares onde ficou preso por sete anos.Seu direito a anistia do Brasil foi questionado pelo Supremo Tribunal Militar – STM, exilando-se mais uma vez. O governo Figueiredo cassou seus direitos políticos em 1980 levando-lhe a novo exílio. Somente com o fim da ditadura, em 1985, teria sua anistia aprovada, vivendo ainda mais dez anos.

16. Em entrevista á Delora Wright.

Fontes e estudos

1.Bibliografia

ALVES. Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes. 1984.

CASTRO. Marcos de. 64: conflito Igreja x Estado. Petrópolis: Vozes, 1984.

FON,Antonio Carlos.Tortura:A história da repressão política no Brasil.4.ed.São Paulo:Global, 1979

FREITAS, Alípio de. Resistir é preciso. São Paulo: Record. 1981.

GORENDER, Jacob. Combate nas trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática,1.ed. (1985) 2. ed (1998).

KUPERMAN, Esther. A guerrilha de Caparaó (1966-1967): um ensaio de resistência. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História), IFCS-UFRJ, 1992.

MIR, Luís. A revolução impossível. Esquerda e a luta armada no Brasil. São Paulo: Best SeIler, 1994.

PORTELA Fernando. Guerra de guerrilhas no Brasil. São Paulo: Global, 1979. (Passado e presente 2).

QUINTANEIRO. Tânia. Cuba e o Brasil: da revolução ao golpe (l959-1964). Belo Horizonte: UFMG, 1988.

ROLLEMBERG, Denise. A idéia da revolução: da luta armada ao fim do exílio (1961-1979). Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História). ICHF-UFRJ. 1992.

SAUTCHUK. Jaime. Luta armada no Brasil dos anos 60 e 70. São Paulo: Anita Garibaldi, 1995.

SEMERARO, Giovanni. A primavera dos anos 60: a geração de Betinho. São Paulo: Loyola /Centro João XXIII, 1994.

SOUZA, Herbert José de. No fio da navalha. Rio de Janeiro: Revan, 1986.

Jornais

COOJORNAL (alguns números). Porto Alegre: Cooperativa dos jornalistas, 1976.

CORREIO DA MANHÃ (Alguns exemplares). Rio de Janeiro: 1965/71.

FILGUEIRAS. Otto. Mãe Maria Rosa e a historia de seu filho discordado Jair dos Oprimidos. São Paulo: xerocopia, 1994.

JORNAL DO BRASIL (algumas edições). Rio de Janeiro: 1965 e 1968.

OESP- O ESTADO DE SÃO PAULO. (Alguns números) São Paulo: 1964/1980.

TRIBUNA DA IMPRENSA (Alguns exemplares). Rio de Janeiro: 1964-1972.

Arquivo

Wright Delora - Entrevistas

Entrevistas

SGILLING, Paulo; PEREIRA, Duarte Lago Pacheco; SÁ, Jair Ferreira de; SOUZA, Hebert José de; SOUZA, Péricles Santos de.